

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL

□ **Diversidade, dicotomia e falta de desenvolvimento são palavras que definem a situação do país nas mais variadas áreas, sejam elas ao nível do território, da distribuição da população, da criação de riqueza, do emprego, da qualidade da saúde e da educação, etc. Embora à escala europeia, Portugal seja considerado um país pequeno, a nossa dimensão permite definir cinco grandes regiões continentais, mais duas regiões insulares. Mas mesmo no contexto da diferença, 90% do território nacional é considerado menos desenvolvido no espaço europeu (o PIB *per capita* encontra-se abaixo dos 75% da média da União Europeia). Os restantes 10% (Lisboa, Madeira e Algarve) representam o país na Europa considerada desenvolvida.**

No contexto nacional, confirmam-se as especificidades regionais e os diferentes graus de desenvolvimento, mas também os constrangimentos que passam por actividades económicas de reduzido valor acrescentado, baixa intensidade tecnológica e de conhecimento, pouca dinâmica empresarial, fraca qualificação da mão-de-obra, etc. Na tentativa de reverter esta situação, as regiões consideradas menos desenvolvidas, pelo critério da UE (Norte, Centro, Alentejo e Açores), vão receber cerca de 90% das verbas associadas ao acordo de parceria estratégica Portugal/UE, denominado Portugal 2020.

Entretanto, é importante ter ideias claras acerca das diferenças e proximidades regionais sendo, para isso, necessário proceder a uma análise crítica da actual situação recorrendo a informações económicas e sociais relevantes.

□ Território, residentes e indicadores de população

Como é sabido, o Alentejo detém mais de 34% do território nacional (a maior parcela no conjunto das regiões) **mas somente 7% da população residente total.** Inversamente, Lisboa (o conceito usado é de Área Metropolitana de Lisboa, que engloba 18 municípios da chamada Grande Lisboa e da Península de Setúbal) representa 3% do território nacional e engloba 27% da população residente. Já a região Norte abarca 35% da população (maior concentração, pois integra importantes capitais de distrito como Porto, Braga e Guimarães) e 23% do território. Noutra tipo de análise, pode-se ainda dizer que Lisboa, Centro e Norte, 57% do território nacional, englobam 84% da totalidade da população residente.

Dimensão territorial		
	Km ²	Peso %
Portugal	92226	100.0%
Continente	89102	96.6%
Norte	21286	23.1%
Centro	28199	30.6%
Lisboa	3015	3.3%
Alentejo	31605	34.3%
Algarve	4997	5.6%
R.A.Açores	2322	2.6%
R.A.Madeira	802	0.9%

Fonte: INE, BPI

Indicadores de população - 2015

	Densidade populacional nº/km ²	Tx. cresc. efectivo %	Índice de envelhec. nº (1)	Índice de longevid. nº (2)	Esperança de vida nasc. anos
Portugal	112.1	-0.32	146.5	49.0	80.41
Continente	110.4	-0.31	149.6	49.1	80.64
Norte	169.3	-0.50	139.5	47.7	80.69
Centro	80.0	-0.34	183.3	52.3	80.80
Lisboa	932.8	0.12	131.7	46.0	80.50
Alentejo	22.9	-1.23	191.6	54.7	80.00
Algarve	88.4	0.10	138.4	50.5	80.38
R.A.Açores	105.8	-0.24	82.4	45.0	77.15
R.A.Madeira	319.9	-0.88	105.3	45.9	77.76

Fonte: INE, BPI.

Notas: (1) Índice de envelhecimento - relação existente entre o número de idosos e a população jovem. É habitualmente expresso em número de residentes com 65 ou mais anos por 100 residentes com menos de 15 anos.
(2) Índice de longevidade - relação entre a população mais idosa e a população idosa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com mais de 75 anos e as que se encontram entre os 65 e os 75 anos.

Pop. residente - final de 2015		
	nº	Peso %
Portugal	10,341,330	100.0%
Continente	9,839,140	95.1%
Norte	3,603,778	34.8%
Centro	2,256,364	21.8%
Lisboa	2,812,678	27.2%
Alentejo	724,391	7.0%
Algarve	441,929	4.3%
R.A.Açores	245,766	2.4%
R.A.Madeira	256,424	2.5%

Fonte: INE, BPI

E o rácio de densidade populacional confirma o alto valor de Lisboa, 933 habitantes por quilómetro quadrado, seguindo-se a Madeira. Já o Alentejo regista o valor mais baixo, 23 habitantes por quilómetro quadrado. O Norte apresenta 169, enquanto o Algarve 88 e o Centro 80 habitantes por quilómetro quadrado.

Em 2015 assistiu-se a uma redução efectiva da população residente em Portugal, em 0.32%, em relação ao ano anterior, confirmando a tendência de decréscimo dos últimos anos. As regiões mais afectadas foram o Alentejo (-1.23%), a R.A.Madeira (-0.88%) e a região Norte (-0.50%). Inversamente, destacam-se Lisboa e o Algarve, com aumentos efectivos de

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

população de 0.12% e 0.10%, respectivamente. Para além de uma importante questão de natalidade e de mortalidade (saldos naturais negativos desde 2009), a crise nacional trouxe igualmente menos imigrantes e gerou mais emigrantes, resultando num saldo migratório negativo desde 2011. Lisboa e o Algarve beneficiaram ainda do seu alto grau de atracção de nacionais e estrangeiros, em resultado de melhores oportunidades de emprego (caso de Lisboa) e de condições ligadas com o clima e com a qualidade de vida a reformados do centro e norte da Europa (caso do Algarve). **Em Portugal, o regime fiscal isenta os reformados estrangeiros de IRS durante dez anos e o estatuto de residente não habitual (criado em 2009) permite a profissionais ligados a actividades de elevado valor acrescentado pagar uma taxa reduzida de 20% de IRS.**

No que respeita aos principais indicadores de população, destacamos o índice de envelhecimento e o índice de longevidade. **No índice de envelhecimento (número de residentes com 65 ou mais anos por 100 residentes com menos de 15 anos), confirma-se que o Alentejo é a região mais envelhecida, com perto de 192 idosos por 100 jovens (quase o dobro).** No lado oposto surgem os Açores com 82 idosos por 100 jovens. O Centro é outra região envelhecida, com 183 idosos por 100 jovens (o valor para Portugal é de 146). **Já ao nível da longevidade (relação entre a população mais idosa e a população idosa, definida habitualmente como o quociente entre o número de indivíduos com mais de 75 anos por 100 idosos – idade compreendida entre os 65 e os 75 anos), o Alentejo regista igualmente o valor mais alto, 55 muito idosos por 100 idosos.** Açores e Madeira, para além de terem a proporção de população mais jovem, têm igualmente menor proporção de muito idosos, ou seja, índices de longevidade baixos (45 e 46, respectivamente).

Na esperança de vida à data do nascimento, a região Centro verifica o valor mais alto, 80.8 anos, enquanto a R.A.Açores e R.A.Madeira registam os valores mais baixos, 77.1 e 77.8 anos, respectivamente. O valor nacional encontra-se acima dos 80 anos.

□ Educação e Saúde

A educação e a saúde foram áreas de principal interesse dos governantes nas últimas décadas, tendo evoluído de forma expressiva os principais indicadores.

Indicadores de educação, %, 2015

	Tx.bruta de pré-escolarização	Taxa bruta de escolarização		Tx. de retenção e desistência no ensino básico			
		Ensino básico	Ensino secund.	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo
Portugal	90.9	110.3	117.4	7.9	4.1	8.6	12.3
Continente	90.8	110.1	118.0	7.8	4.0	8.5	12.1
Norte	95.2	109.5	114.0	6.7	3.1	6.4	10.9
Centro	96.5	108.7	115.2	7.0	3.8	7.2	10.7
Lisboa	81.8	111.1	128.2	9.0	4.3	10.8	13.9
Alentejo	99.6	113.8	113.6	9.4	5.8	11.0	13.1
Algarve	86.3	109.1	111.7	10.2	6.0	11.2	15.4
R.A.Açores	92.9	118.3	101.7	11.9	5.8	13.0	19.8
R.A.Madeira	95.0	110.0	113.0	9.0	6.0	8.0	13.0

Fonte: INE, BPI.

Na educação foram notórias as melhorias nos vários níveis de ensino, desde o pré-escolar ao ensino superior, embora não exista homogeneidade no território nacional. **Se analisarmos a taxa bruta de pré-escolarização registou-se uma melhoria significativa nos últimos cinco anos, por exemplo. Em 2015, o Alentejo e o Centro registaram as melhores performances com as taxas mais altas, 99.6% e 96.5%, respectivamente. Lisboa destoa com apenas uma taxa de 81.8%, muito abaixo do valor nacional de 90.9%.** Esta diferença pode ser explicada pela pressão populacional – em regiões com decréscimos populacionais como o Alentejo e o Centro deverá ser mais fácil colocar quase todas as crianças no pré-escolar. Em Lisboa a tarefa poderá mostrar-se mais difícil (tal como no Algarve, onde a população residente aumentou). No entanto, ainda se podem acrescentar a estas duas regiões questões sociais relevantes (franjas populacionais que se auto marginalizam).

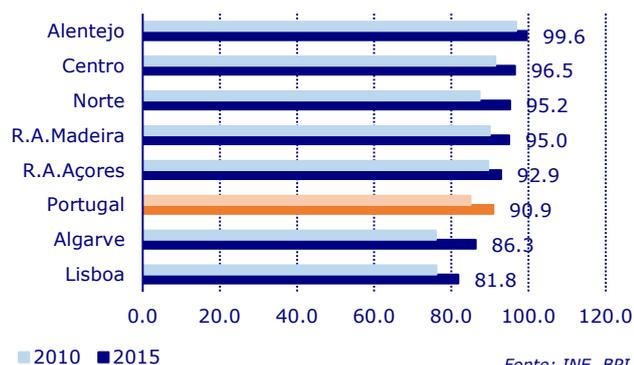
Também ao nível de transição/conclusão do ensino secundário são provadas as melhorias alcançadas. Todas as regiões mostram maiores taxas em 2015 face a 2010. **Norte, Centro e Alentejo já eram regiões com maior sucesso escolar no ensino secundário a nível nacional e reforçaram a sua posição. A R.A.Madeira registou uma melhoria muito considerável. Lisboa, Algarve e R.A.Açores situam-se no fundo da tabela, pesando questões de ordem sócio económica (assim, a pressão populacional conjugada com a pressão laboral ganha expressão).**

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Ao nível da retenção e desistência nos vários ciclos do ensino básico, a situação actual mostra que Algarve e R.A. Açores são as regiões em que as taxas são maiores. Aqui encontra-se de novo a questão sócio-económica. A maioria das famílias obtém o seu rendimento na agricultura e nas pescas, fomentando cedo a actividade laboral em detrimento da continuação dos estudos.

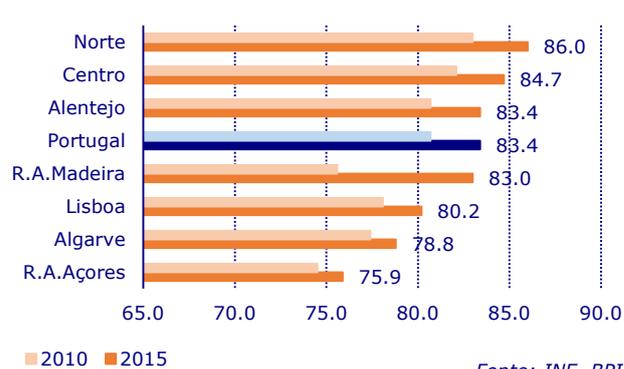
Taxa bruta de pré-escolarização

(%)



Taxa de transição/conclusão do ensino secundário

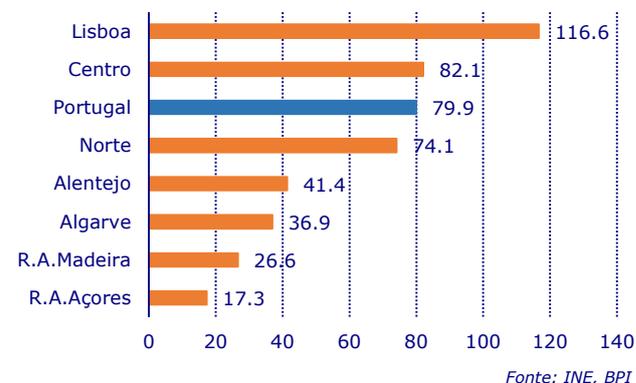
(%)



Já ao nível de diplomados do ensino superior por 1000 habitantes, Lisboa e o Centro lideram a tabela, com valores muito superiores ao da média nacional (116,6, 82.1 versus 79.9). Para além da questão populacional (são a 2ª e 3ª regiões do país), pesam os grandes centros universitários de Lisboa e Coimbra e um maior grau de exigência das populações destas regiões em relação à obtenção de um maior grau académico. A região Norte (1ª região em termos populacionais) encontra-se em terceiro lugar, abaixo do valor nacional, embora englobe igualmente importantes centros universitários no Porto e em Braga. Contudo, a apetência por graus académicos é menor e resulta igualmente de questões de ordem sócio-económica.

Diplomados do ensino superior por 1000 habitantes, 2014/2015

(nº por 1000)



Estabelecimentos de educação/ensino por região*, 2014/2015

	Educação pré-escolar		Ensino básico						Ensino secundário	
	nº	%	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		nº	%
Portugal	6,108	100.0	4,354	100.0	1,200	100.0	1,481	100.0	962	100.0
Continente	5,753	94.2	4,083	93.8	1,131	94.3	1,411	95.3	894	92.9
Norte	2,093	34.3	1,469	33.7	395	32.9	506	34.2	346	36.0
Centro	1,589	26.0	1,173	26.9	290	24.2	366	24.7	233	24.2
Lisboa	1,367	22.4	890	20.4	283	23.6	336	22.7	207	21.5
Alentejo	499	8.2	387	8.9	98	8.2	134	9.0	75	7.8
Algarve	205	3.4	164	3.8	65	5.4	69	4.7	33	3.4
R.A. Açores	191	3.1	153	3.5	35	2.9	35	2.4	40	4.2
R.A. Madeira	164	2.7	118	2.7	34	2.8	35	2.4	28	2.9

Fonte: INE, BPI

Nota: (*) Total de Público e Privado

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Se a população nacional se concentra no Norte, Centro e Lisboa (84% do total), também é nesta parte do país que se concentram as escolas – educação pré-escolar 83%, 1º ciclo 81%, 2º ciclo 81%, 3º ciclo 82% e ensino secundário 82%. E o Norte, com uma concentração de residentes de 35%, lidera igualmente o número de estabelecimentos de ensino entre os 34% e os 36%, consoante o grau de ensino.

Alunos matriculados por nível de ensino*, 2014/2015

	Educação pré-escolar		Ensino básico						Ensino secundário		Ensino pós-secund. não superior	
	nº	%	1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		nº	%	nº	%
			nº	%	nº	%	nº	%				
Portugal	264,660	100.0	418,145	100.0	238,582	100.0	384,971	100.0	393,618	100.0	12,179	100.0
Continente	250,535	94.7	393,628	94.1	223,958	93.9	363,594	94.4	372,410	94.6	11,997	98.5
Norte	90,333	34.1	140,272	33.5	81,246	34.1	138,316	35.9	141,564	36.0	3,617	29.7
Centro	53,294	20.1	82,191	19.7	47,348	19.8	77,718	20.2	81,823	20.8	4,294	35.3
Lisboa	76,675	29.0	123,911	29.6	68,396	28.7	106,227	27.6	108,483	27.6	2,922	24.0
Alentejo	18,480	7.0	28,072	6.7	16,324	6.8	25,392	6.6	25,035	6.4	555	4.6
Algarve	11,753	4.4	19,182	4.6	10,644	4.5	15,941	4.1	15,505	3.9	609	5.0
R.A.Açores	7,539	2.8	12,812	3.1	7,897	3.3	10,338	2.7	9,966	2.5	55	0.5
R.A.Madeira	6,586	2.5	11,705	2.8	6,727	2.8	11,039	2.9	11,242	2.9	127	1.0

Fonte: INE, BPI

Nota: (*) Total de Público e Privado

Também ao nível dos alunos matriculados as proporções são semelhantes a nível da concentração populacional. **Nos vários níveis de ensino, a região Norte e Lisboa lideram, seguidos pelo Centro. Já em relação ao ensino pós-secundário não superior, o domínio é da região Centro.** São formações do pós-secundário não superior os Cursos de Especialização Tecnológica (CET), que preparam os alunos para uma especialização científica ou tecnológica numa determinada área de formação (com a duração aproximada de um ano - entre as 1200 horas e as 1560 horas). Podem ser ministrados em escolas tecnológicas, centros de formação profissional e mesmo em escolas do ensino secundário ou ensino superior.

Ao nível dos indicadores de saúde, existem algumas disparidades regionais que não são unicamente justificadas pela densidade populacional, mas sim pela maior ou menor existência de profissionais da saúde e igualmente a existência de unidades hospitalares e afins. **Para já Lisboa destaca-se em relação ao número de médicos e ao número de internamentos hospitalares por 1000 habitantes e regista uma taxa intermédia de ocupação de camas nos hospitais (semelhante ao valor nacional).** Embora tenha sido significativo o aumento de médicos ao serviço em todo o país, Lisboa e Norte têm uma quota de 36% e 34% do total, respectivamente, seguindo-se o Centro com 20%. O Alentejo é a região com menos médicos, menos enfermeiros e menos internamentos por 1000 habitantes, e mostra das maiores taxas de ocupação de camas nos hospitais. Esta situação reflecte não só a questão da alta desertificação, da falta de investimento e de produção, a que se junta o envelhecimento da população (e sendo a região de maior dimensão, 34% do total do território, e com apenas 23 habitantes por Km²).

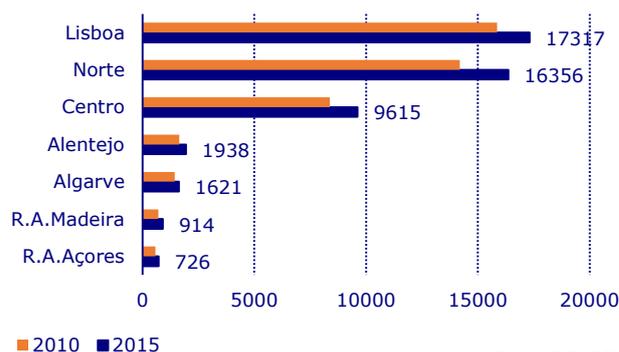
Indicadores de saúde, 2014 e 2015

	Enfermeiros	Médicos	Farmácias	Intern. nos hosp.	Tx. ocupação camas nos hosp. % (2014)
	por 1000 habitantes				
	nº (2015)				
Portugal	6.5	4.7	0.3	110.9	79.8
Continente	6.5	4.8	0.3	111.2	79.6
Norte	6.5	4.5	0.3	110.7	76.8
Centro	6.5	4.3	0.4	105.6	82.2
Lisboa	6.7	6.2	0.3	129.9	80.6
Alentejo	5.9	2.7	0.5	73.4	82.9
Algarve	5.7	3.7	0.3	88.8	77.7
R.A.Açores	8.2	3.0	0.3	111.6	79.5
R.A.Madeira	8.1	3.6	0.3	99.2	83.5

Fonte: INE, BPI

Total dos médicos

(nº)



Fonte: INE, BPI

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Estranhamente, as regiões autónomas dos Açores e da Madeira têm o maior número de enfermeiros por 1000 habitantes (8.2 e 8.1, respectivamente, quando o valor nacional é de 6.5). Já em relação ao número de médicos verificam os valores mais baixos, logo a seguir ao Alentejo. Os Açores com 3.0 e a Madeira com 3.6 médicos por 1000 habitantes, quando o valor nacional é de 4.7.

Em termos de número de hospitais, Norte e Lisboa voltam-se a destacar com cerca de 32% e 27% do total (perto de 60% as duas regiões juntas). O Norte tem 72 hospitais e Lisboa 60. Deste total, os hospitais privados representam 49% e 53%, respectivamente. O Alentejo detém 5% dos hospitais, enquanto Algarve, R.A.Açores e R.A.Madeira andam pelos 4%. Interessante é que estas mesmas regiões, Algarve, Açores e Madeira, têm a maior representatividade de hospitais privados, acima dos 60%. A explicação poderá passar pelo preenchimento de uma lacuna do Estado nestas regiões.

Um importante indicador de qualidade da saúde e mesmo de nível de desenvolvimento das regiões é a taxa de mortalidade infantil. Segundo a taxa quinquenal de mortalidade infantil 2010/14, a R.A.Açores registou 4.5 mortes de crianças com menos de um ano de idade por cada 1000 nascimentos, sendo o valor mais alto de entre todas as regiões. Segue-se Lisboa, com 3.4, quando o valor nacional é de 3.0. O Centro e o Alentejo verificam os valores mais baixos, ambos 2.6. Nos casos de Lisboa, Centro e Alentejo, os valores podem repercutir a maior e a menor pressão demográfica sobre o sistema de saúde, levando a valores menos e mais positivos, respectivamente, desvirtuando o nível de desenvolvimento das respectivas regiões. Já o valor dos Açores é nitidamente indicador de um estágio de desenvolvimento mais baixo e de maiores limitações do sistema de saúde açoriano.

□ Actividade económica, empresas, comércio e tecnologia

Em 2015, e segundo as Contas Regionais do INE, no Algarve (2.7%), Norte (1.9%), Centro (1.9%) e R.A.Açores (1.7%) registaram-se acréscimos reais do PIB superiores à média nacional (1.6%). No Alentejo (1.4%) e em Lisboa (1.2%) os acréscimos foram inferiores à média do país e na R.A.Madeira verificou-se mesmo um ligeiro decréscimo (-0.1%). Foi decisivo o aumento do VAB nas áreas do comércio, transportes, alojamento e restauração (ou seja, tendências favoráveis das exportações e do turismo). Já na R.A.Madeira pesou o facto de ter ocorrido uma diminuição do VAB das empresas que operam a partir do Centro Internacional de Negócios (*offshore* da Madeira).

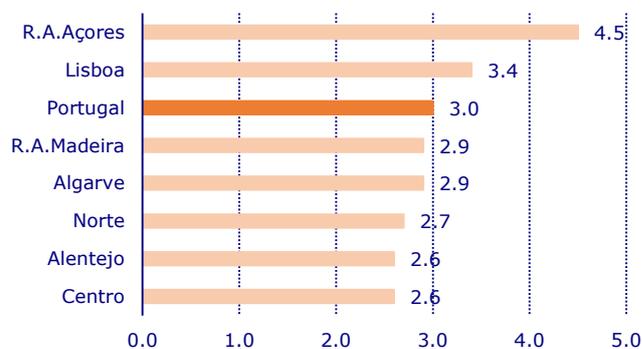
Número de Hospitais, 2014

	Total	Oficiais	Privados	nº de camas
Portugal	225	118	107	34,522
Continente	208	112	96	31,208
Norte	72	37	35	10,897
Centro	55	6	19	6,788
Lisboa	60	28	32	10,836
Alentejo	11	7	4	1,560
Algarve	10	4	6	1,127
R.A.Açores	8	3	5	1,492
R.A.Madeira	9	3	6	1,822

Fonte: INE, BPI

Taxa quinquenal de mortalidade infantil 2010/2014

(%)



Fonte: INE, BPI

Indicadores das contas regionais, 2015

	PIB em % do total	PIB per capita em valor	Índice de disparidade (Portugal=100)	Índice de disparidade (UE28=100)	Produt. aparente do trabalho (VAB/Emprego) milhares €
	%	€	%	%	
Portugal	100.0	17,333	100.0	76.8	34,226
Continente	95.6	17,409	100.4	77.1	34,269
Norte	29.5	14,650	84.5	64.9	29,294
Centro	18.9	15,026	86.7	66.6	29,985
Lisboa	36.4	23,246	134.1	103.0	42,985
Alentejo	6.4	15,730	90.7	69.7	35,146
Algarve	4.4	17,786	102.6	78.8	35,662
R.A.Açores	2.1	15,383	88.7	68.2	33,027
R.A.Madeira	2.3	16,148	93.2	71.6	33,969

Fonte: INE, BPI

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

No entanto, Lisboa continua-se a destacar em relação às restantes regiões de Portugal. Em termos de peso no PIB, Lisboa representa mais de 36%, enquanto a região Norte corresponde a 30% e o Centro 19% (o total destas três regiões é de 85%). O mesmo se verifica em termos de PIB per capita (o valor de Lisboa é de 23.246 euros, que compara com o valor nacional de 17.333 euros) e com a produtividade aparente do trabalho (o valor de Lisboa é de 42.985 mil euros, que compara com o valor do país de 34.226 mil euros).

O menor contributo para o PIB vai do Alentejo até às ilhas, apresentando as regiões insulares valores ligeiramente acima dos 2%, o Algarve 4.4% e o Alentejo 6.4%. Já em relação ao PIB per capita, ele é menor na região Norte (14.650 euros), no Centro (15.026 euros) e na R.A. Açores (15.383 euros). Também em termos da produtividade aparente do trabalho, os valores mais baixos concentram-se na região Norte (29.294 mil euros), no Centro (29.985 mil euros) e nos Açores (33.037 mil euros). Este facto pode reflectir actividades produtivas mais intensivas em mão-de-obra.

Para a análise das diferenças entre regiões e da apelidada coesão regional, podemos ainda recorrer à avaliação dos índices de disparidade regional do PIB per capita considerando Portugal ou a UE28 índice de base 100. **No primeiro caso, Lisboa encontra-se muito acima dos 100, com 134.1 pontos em 2015, embora tenha recuado face a 2014. O Algarve também surge acima dos 100, com 102.6, melhorando em relação a 2014.** Todas as restantes regiões encontram-se abaixo dos 100, embora a Madeira (93.2) e o Alentejo (90.7) surjam nos lugares seguintes na tabela. Os últimos lugares são ocupados pelo Norte (84.5) e pelo Centro (86.7), regredindo face a 2014. Algarve, Madeira e Açores foram as únicas regiões que melhoraram em termos da evolução do PIB per capita (o que significa maior criação de riqueza). **No caso da referência ser o PIB per capita da UE28, só a região de Lisboa ultrapassa a base 100, com 103.0 pontos. O valor para Portugal é de 76.8 e o Norte continua a ser a região pior classificada com apenas 64.9 pontos.**

Quanto ao índice de disparidade regional da produtividade – determinada pela relação entre o PIB e o emprego que lhe está subjacente (produtividade aparente do trabalho) – conclui-se que as regiões de Lisboa (125.6), Algarve (104.2) e Alentejo (102.7) encontram-se acima do valor médio do país. E destas, só o Alentejo melhorou em relação a 2014. As regiões do Norte (85.6) e do Centro (87.6) confirmam a pior performance na comparação relativa.

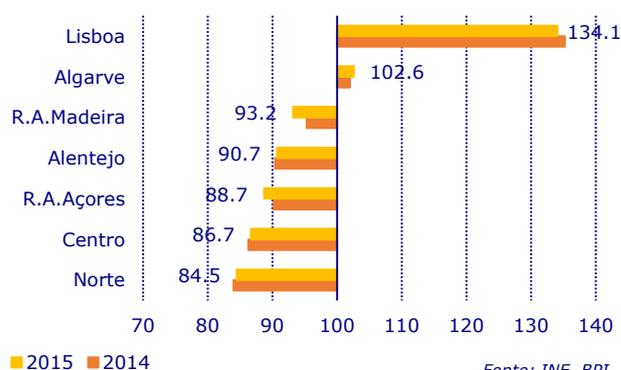
Noutra análise complementar, confirma-se a hegemonia dos serviços em todas as regiões, embora Algarve, Lisboa e Madeira detenham as maiores percentagens em termos de VAB total de cada região, 87.3%, 87.0% e 85.1%, respectivamente. Aqui estão espelhados os serviços ligados directa ou indirectamente ao turismo e ao comércio (será esta a diferença para as outras regiões, já que haverá com certeza um denominador comum em relação à importância dos serviços estatais – saúde, educação, autarquias, etc.).

No Norte e no Centro, a indústria tem o seu maior peso em termos de VAB, 31.2% e 28.3%, respectivamente. Segue-se o Alentejo com 24.7%. No que respeita à agricultura, o sector tem mais expressão económica nos Açores e no Alentejo, com um peso em termos de VAB de 9.8% e 9.7%, respectivamente.

Na vertente das empresas, os indicadores regionais confirmam a sua reduzida dimensão económica e social, não havendo grande diferenciação no país. **A realidade indica que perto da globalidade das empresas tem menos de**

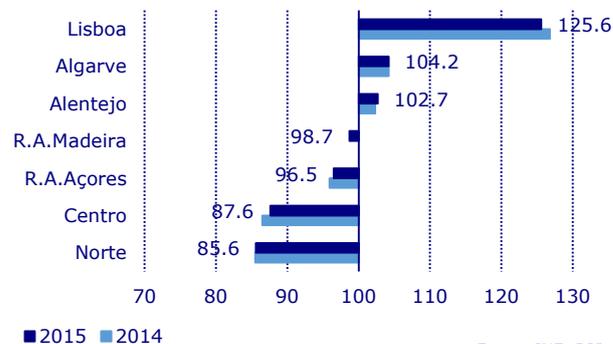
Índice de disparidade regional do PIB per capita

(Portugal=100)



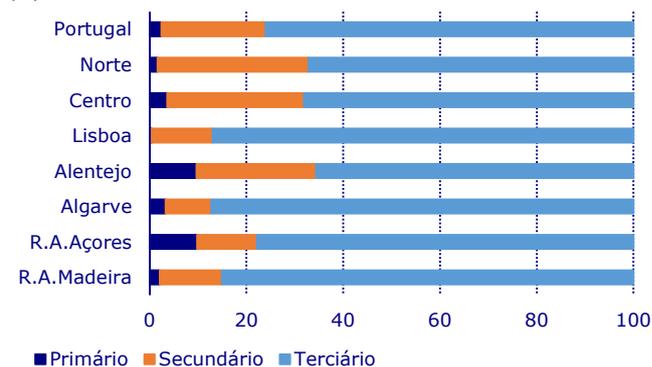
Índice de disparidade regional da produtividade

(Portugal=100)



VAB por sectores em % do total de cada região, 2015

(%)



ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

250 trabalhadores, e é grande a proporção de empresas com menos de 10 empregados (Portugal = 96.4%). A região Norte é a que apresenta o valor mais baixo, 95.8%. A média de trabalhadores por empresa no país é de 3.1, sendo Lisboa a região que mostra o valor mais alto, 3.8. Os valores mais baixos encontram-se no Algarve, Alentejo e Açores, com 2.3 e 2.4 nas últimas duas, respectivamente.

Indicadores de empresas, 2014

	Densidade de emp. nº/km ²	Proporção de emp. individuais	%		Pessoal ao serviço p/ empresa nº	Volume de negócios p/emp. milhares €	%		Propor. do VAB das emp. em sect. de média/alta tecnologia	Tx. de investimento
			Propor. de emp. < 250 pessoas	Propor. de emp. < 10 pessoas			Concentração de vol. de neg. das 4 maiores emp.	Concentração do VAB das 4 maiores emp.		
Portugal	12.2	67.79	99.9	96.4	3.1	286.3	5.77	4.88	11.32	16.79
Continente	12.1	67.51	99.9	96.4	3.1	291.4	5.93	5.02	11.58	16.85
Norte	18.2	68.21	99.9	95.8	3.0	232.9	6.12	4.56	9.14	15.36
Centro	8.7	70.42	100.0	96.6	2.6	215.6	4.06	2.20	9.88	16.78
Lisboa	103.5	62.89	99.9	96.6	3.8	482.7	12.25	10.56	14.71	16.59
Alentejo	2.5	71.65	100.0	97.2	2.4	186.5	11.70	10.24	6.42	28.67
Algarve	11.6	69.93	100.0	97.0	2.3	112.7	4.41	4.12	1.01	17.81
R.A.Açores	10.9	81.71	100.0	97.2	2.4	176.7	12.75	12.88	1.07	19.42
R.A.Madeira	29.5	65.70	99.9	96.5	2.6	171.4	16.39	18.65	3.23	11.29

Fonte: INE, BPI

Lisboa mostra ainda as seguintes especificidades: tem um nível imbatível de densidade de empresas por Km², 103.5, quando o valor nacional é de 12.2; o volume de negócios médio por empresa é de 482.7 mil euros, igualmente o nível regional mais alto, que compara com o valor nacional de 286.3 mil euros; a proporção do VAB das empresas em sectores de média/alta tecnologia regista o valor mais alto, perto de 15%, quando o valor médio do país ronda os 11%.

Deve-se ainda completar estas informações com outras *performances*. O Alentejo tem a menor densidade de empresas por Km², 2.5, mas registou a maior taxa de investimento, perto de 29% (parcela do investimento no total da produção), que compara com o valor nacional de 16.8%. De facto, esta região tem assistido nos últimos anos a importantes investimentos na agricultura e no turismo ligados à barragem do Alqueva.

Uma referência à R.A.Madeira que, na comparação entre as regiões é a que mostra maior concentração do VAB e do volume de negócios nas 4 maiores empresas, 18.7% e 16.4%, respectivamente, quando os valores nacionais rondam os 5% e 6%.

Volume total de negócios das empresas por município da sede, 2015

	milhões €	%
Portugal	323,009	100.0
Continente	314,474	97.4
Norte	90,044	27.9
Centro	52,732	16.3
Lisboa	150,613	46.6
Alentejo	14,569	4.5
Algarve	6,516	2.0
R.A.Açores	4,480	1.4
R.A.Madeira	4,055	1.3

Fonte: INE, BPI

VAB total das empresas por município da sede, 2014

	milhões €	%
Portugal	76,131	100.0
Continente	74,015	97.2
Norte	21,718	28.5
Centro	11,960	15.7
Lisboa	35,205	46.2
Alentejo	3,224	4.2
Algarve	1,908	2.5
R.A.Açores	919	1.2
R.A.Madeira	1,197	1.6

Fonte: INE, BPI

Perante o volume total de negócios e o VAB total das empresas por região em que as sedes estão instaladas, conclui-se que Lisboa tem uma quota acima de 46%, em ambos os casos, seguindo-se o Norte (com valores próximo dos 28%), e o Centro (com níveis de 16%). Ou seja, os valores de Lisboa equivalem aos valores juntos das regiões Norte e Centro. Aqui comprova-se que a importância económica, política e burocrática da capital exerce atracção e leva à concentração das sedes das empresas em Lisboa.

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Analizando os indicadores de comércio internacional de bens, confirma-se a boa *performance* das regiões Norte, Centro e Alentejo na dinâmica exportadora dos últimos anos. Recorde-se que em 2015 verificou-se um aumento de 3.7% das exportações do país, com o contributo da maioria das regiões, com excepção de Lisboa e da R.A.Madeira.

Indicadores de comércio internacional, %, 2015

	Tx. de cobertura das import. pelas export.	Proporção das export. para os 4 principais mercados	Proporção de export. de bens de alta tecnologia no total	Intensidade exportadora
Portugal	82.62	56	3.80	27.75
Continente	85.56	56	3.73	27.63
Norte	139.69	62	3.75	36.52
Centro	124.41	59	1.78	28.41
Lisboa	48.94	50	5.18	23.40
Alentejo	129.02	53	2.42	25.98
Algarve	58.79	66	4.52	1.84
R.A.Açores	78.96	54	15.29	2.75
R.A.Madeira	80.21	68	8.05	2.52

Fonte: INE, BPI

A nível nacional registou-se um aumento da taxa de cobertura de 2014 para 2015, de 81.4% para 82.6%, destacando-se o Norte, o Alentejo e o Centro com taxas de 139.7%, 129.0% e 124.4%, respectivamente. As regiões com menor taxa de cobertura são a região de Lisboa, 48.9%, e o Algarve, 58.8%. **Segundo o INE, no caso de Lisboa, embora revele uma menor capacidade exportadora face ao valor das importações, que se traduz numa taxa de cobertura bem inferior à média nacional, foram os operadores sediados nesta região que mais contribuíram para o valor das exportações nacionais: 15.3 mil milhões de euros, correspondendo a cerca de 31% do total de exportações do país em 2015.**

Na análise da intensidade exportadora (parte da produção vendida ao exterior), conclui-se a grande relevância do Norte, do Centro e do Alentejo. Se o valor nacional ronda os 28%, o Norte apresenta um peso de 37%, o Centro 28% e o Alentejo 26% (Lisboa 23%). Já no que respeita à proporção de exportação de bens de alta tecnologia no total, estas regiões mostram valores muito baixos. De referir os valores altos de Açores, Madeira e Lisboa, que reflectem a venda variada de maquinaria com componente tecnológica.

Deve-se ainda referir que as regiões são globalmente bastante dependentes de poucos mercados, nomeadamente dos que integram o espaço intracomunitário. **Segundo o INE, Algarve, Norte e Centro apresentam taxas de exportação de 80%, 79% e 78%, respectivamente, para a UE28 e a proporção para Espanha encontra-se igualmente acima do valor médio nacional (43º no caso do Algarve, 26% no Norte e 27% no Centro).**

Em termos de tecnologia, a despesa em investigação e desenvolvimento (I&D) a nível nacional em 2014 foi de 2.2 mil milhões de euros (1.3% do PIB), concentrado no Norte (Área Metropolitana do Porto) e em Lisboa. Nestas duas regiões existem importantes pólos industriais e universitários que absorvem grande parte deste montante.

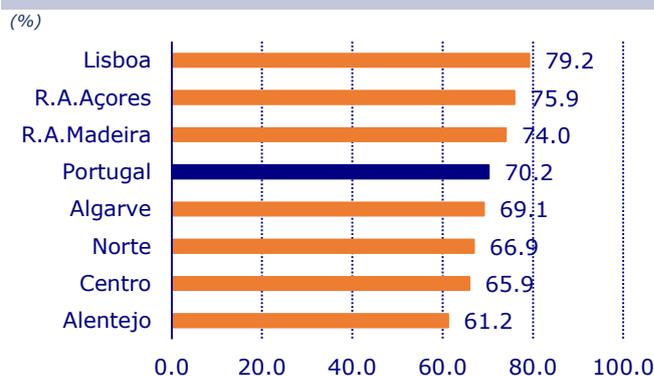
Unidades de investimento em I&D, 2014¹

	nº	peso %
Portugal	3703	100.0
Continente	3598	97.2
Norte	1311	35.4
Centro	970	26.2
Lisboa	1106	29.9
Alentejo	145	3.9
Algarve	66	1.8
R.A.Açores	60	1.6
R.A.Madeira	45	1.2

Fonte: INE, BPI

Nota: ¹Actividades de I&D conduzidas por unidades especializadas ou Centros de Pesquisa de Empresas, Universidades ou Agências do Estado

Ligação à Internet das famílias



Fonte: INE, BPI

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

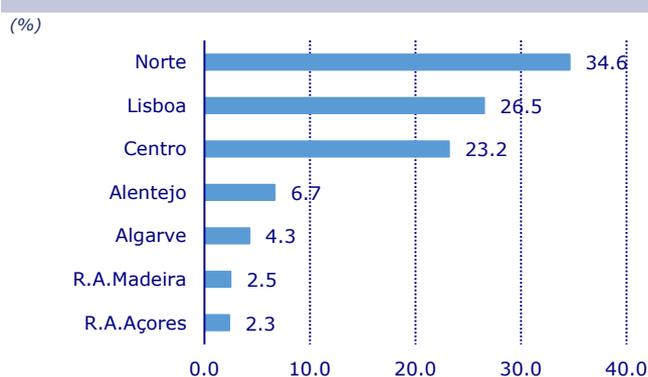
Uma indicação acerca do acesso à internet por parte das famílias por região (reporta o grau de acesso à informação através da tecnologia electrónica e, por isso, indicador de desenvolvimento), destacando-se Lisboa, R.A. Açores e R.A. Madeira, com níveis de penetração de 79%, 76% e 74%, respectivamente. Neste caso, a insularidade é factor relevante. No final da tabela encontram-se as regiões Centro e o Alentejo.

▣ Trabalho e Segurança Social

O mercado de trabalho é outra área importante na diferenciação regional, identificando as regiões economicamente relevantes e aquelas que apresentam actividades mais ou menos intensivas em mão-de-obra. Ao nível da população empregada é igualmente importante identificar as regiões onde se concentra a produção e, por conseguinte, o emprego. E surge, de novo, o país cortado ao meio, tendo peso fundamental a distribuição das populações. De acordo com dados relativos à população empregada em todo o território em 2015, o Norte detinha o maior valor, de perto de 35% do total, seguindo-se Lisboa com 26.5% e o Centro com 23.2% (valores relativos muito semelhantes aos da distribuição da população residente). Assim, estas três regiões concentram 84% do emprego efectivo.

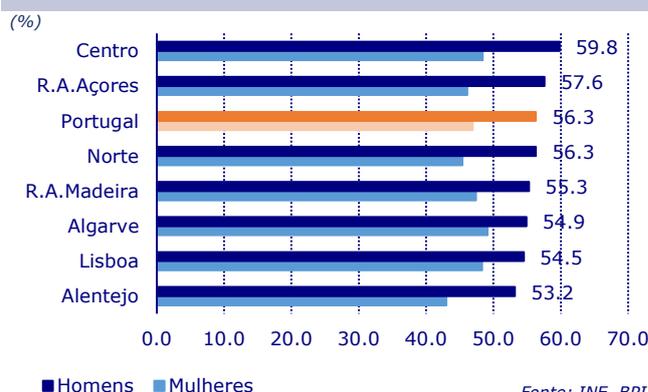
Quanto à taxa de emprego (relação da população empregada sobre o total da população com 15 e mais anos), e considerando a distribuição por sexo, o Centro e os Açores têm os valores mais elevados (59.8% e 57.6%) em relação aos homens e comparativamente ao valor nacional (56.3%). Seguem-se o Norte (56.3%) e a Madeira (55.3%). Lisboa (54.5%) e Alentejo (53.2%) são as regiões com os valores mais baixos. Perante estes dados, podem-se distinguir as regiões onde as actividades económicas são mais intensivas no factor trabalho. Quanto ao contributo das mulheres, ele é inferior comparativamente aos homens (a diferença nacional é de 9.4%), sendo a diferença maior nos Açores (11.5%), no Centro (11.4%) e no Norte (10.9%), sendo relevante questões sócio-culturais.

População empregada, 2015



Fonte: INE, BPI

Taxa de emprego, 2015



Fonte: INE, BPI

Indicadores do mercado de trabalho, 2015

	Empregados no terciário no total de empregados	Empregados por conta de outrem no total de emp.	Empregados por conta própria no total de emp.	Duração média do horário semanal
	%			hora
Portugal	68.1	81.6	17.9	39.5
Continente	67.7	81.5	18.0	39.5
Norte	58.3	81.5	18.1	39.4
Centro	59.4	76.1	23.2	39.1
Lisboa	84.9	86.2	13.5	39.8
Alentejo	67.9	83.5	15.9	40.2
Algarve	83.1	79.7	19.6	40.3
R.A. Açores	73.2	82.0	17.2	38.9
R.A. Madeira	77.8	83.5	16.1	36.9

Fonte: INE, BPI

Existem outras importantes características: **Lisboa é o melhor exemplo da terciarização do país nos últimos anos, onde os empregados na globalidade dos serviços correspondem a 84.9% do total (o valor de Portugal é de 68.1%);**

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

também é em Lisboa que os empregados por conta de outrem têm a sua maior expressão, 86.2% (o valor nacional é de 81.6%); o Algarve tem igualmente uma alta taxa de empregados no terciário, 83.1%, com a região bem marcada pelas actividades directas e indirectas ligadas ao turismo; no Alentejo e na R.A.Madeira existem altas taxas de empregados por conta de outrem, 83.5% em ambas as regiões, em resultado do processo histórico do grande latifúndio (Alentejo) e do turismo (Madeira); é no Centro que existem mais empregados por conta própria no total do emprego, 23.2%, seguindo-se os Açores, 19.6%, que pode ser explicado por um modelo de subsistência individual/familiar ainda muito ligado à terra.

Esmiçando o emprego por sectores, confirma-se que o Centro é ainda muito dominado pelas actividades agrícolas, com perto de 13% dos trabalhadores ligados ao sector primário; R.A.Madeira, R.A.Açores e Alentejo têm igualmente taxas altas, 11.6%, 11.3% e 11.4%, respectivamente, que compara com o valor nacional de 7.5%; no sector secundário, o Norte e o Centro ultrapassam a média do país, 34.2% e 27.8% versus 24.3%.

População empregada por sectores, 2015					População empregada por sectores, %, 2015				
	Total	Primário	Secundário	Terciário		Total	Primário	Secundário	Terciário
Portugal	4548.7	342.5	1107.6	3098.6	Portugal	100.0	7.5	24.3	68.1
Continente	4329.6	317.4	1079.0	2933.2	Continente	95.2	7.3	24.9	67.7
Norte	1573.3	117.8	538.5	917.0	Norte	34.6	7.5	34.2	58.3
Centro	1054.3	135.9	292.6	625.8	Centro	23.2	12.9	27.8	59.4
Lisboa	1205.0	17.0	164.4	1023.6	Lisboa	26.5	1.4	13.6	84.9
Alentejo	303.0	34.5	62.9	205.6	Alentejo	6.7	11.4	20.8	67.9
Algarve	193.9	12.1	20.6	161.2	Algarve	4.3	6.2	10.6	83.1
R.A.Açores	106.7	12.1	16.5	78.1	R.A.Açores	2.3	11.3	15.5	73.2
R.A.Madeira	112.4	13.0	12.0	87.4	R.A.Madeira	2.5	11.6	10.7	77.8

Fonte: INE, BPI

Fonte: INE, BPI

Uma referência à duração média do horário semanal. Embora as diferenças não sejam muito significativas elas existem, nomeadamente em relação ao valor médio nacional que é de 39.5 horas. **De facto, Lisboa, Norte e Centro mostram valores muito semelhantes à média, 39.8, 39.4 e 39.1 horas, respectivamente.** Já o Algarve e o Alentejo são as regiões que registam os valores mais altos: 40.3 e 40.2, respectivamente (seguramente por questões diferentes, já que têm valores diferentes de terciarização, pesando mais no Alentejo a indústria e a agricultura). Igualmente interessante é o facto de os valores das ilhas serem os mais baixos, devendo reflectir os altos níveis de terciarização, embora a agricultura e pesca tenha um peso relativo com expressão.

Tem ainda interesse referir que é na R.A.Madeira e no Alentejo que se registam as maiores taxas de desemprego do país, segundo dados de 2016, 12.9% e 12.1% (nos Homens é a Madeira e Lisboa; nas Mulheres é o Alentejo e o Norte). O Norte e Lisboa tem igualmente taxas de desemprego globais elevadas, 12.0% e 11.9%, respectivamente, que comparam com o valor nacional de 11.1%. Por seu turno, Centro e Algarve verificam as taxas de desemprego mais baixas, 8.4% e 9.2%, respectivamente. O Centro tem a situação peculiar de ter uma baixa densidade de empresas, e as que predominam são empresas individuais. O Algarve está a beneficiar da recuperação do turismo. No desemprego jovem (entre a classe etária dos 15 aos 24 anos), R.A.Madeira, R.A.Açores e Alentejo registam os valores mais elevados, 37.4%, 32.1% e 30.8%, respectivamente (a taxa nacional é de 28.0%).

Taxa de desemprego, 2015, %					Ganho médio mensal por conta de outrem, 2014	
	Total	Homens	Mulheres	15-24 anos	(euros)	
Portugal	11.1	11.0	11.2	28.0	Lisboa	1378.3
Norte	12.0	11.6	12.6	27.8	R.A.Madeira	1058.0
Centro	8.4	7.8	8.9	26.8	Portugal	1036.7
Lisboa	11.9	12.6	11.2	27.8	Alentejo	990.2
Alentejo	12.1	11.2	13.1	30.8	R.A.Açores	990.0
Algarve	9.2	10.0	8.4	23.6	Norte	967.2
R.A.Açores	11.1	12.2	9.8	32.1	Centro	945.6
R.A.Madeira	12.9	13.9	11.9	37.4	Algarve	927.6

Fonte: INE, BPI

Fonte: INE, BPI

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Por fim, no ganho médio mensal por conta de outrem, Lisboa destaca-se significativamente com o valor de 1378 euros, influenciando de sobre maneira a média de Portugal (1037 euros). Para além de Lisboa, só a R.A.Madeira se encontra acima da média nacional (1058 euros). O Algarve encontra-se no final da lista (928 euros), assim como as regiões Centro (946 euros) e Norte (967 euros), reflectindo a situação económica destas regiões – serviços e indústria suportados em empregos pouco qualificados e, por isso, mal pagos.

Para o retrato sócio-económico das regiões e igualmente importante na componente da situação do trabalho, escolhemos duas informações muito relevantes: o número de beneficiários do subsídio de desemprego e do rendimento social de inserção (RSI). Segundo os dados oficiais, em 2015 existiam 525 mil beneficiários do subsídio de desemprego e 296 mil beneficiários do RSI.

Também aqui, Norte, Centro e Lisboa dividem o país, com um total de 80% dos subsídios de desemprego e 79% dos RSI pagos. **Se no Norte se concentra 30% da produção (2ª posição, a seguir a Lisboa) e 35% da população empregada (1º lugar), a maior taxa de cobertura das importações pelas exportações (140%), maior intensidade exportadora (37%), maior concentração de projectos de I&D, também é aqui que se encontra uma das maiores taxas de desemprego (12.0%) e onde os subsídios de desemprego representam 36% do total distribuído pelo país. Segue-se Lisboa com 25% do total. Já em relação aos beneficiários do RSI, o Norte concentra igualmente o maior peso, 39%, seguindo-se Lisboa com 25%. São áreas economicamente importantes, mas que concentram igualmente bolsas de trabalho precário e de pobreza.**

Beneficiários da Segurança Social, 2015

	Sub. de desemprego		Benef. rend. social de inserção (RSI)	
	nº	Peso %	nº	Peso %
Portugal	524,791	100.0	295,704	100.0
Continente	496,861	94.7	264,991	89.6
Norte	190,949	36.4	114,049	38.6
Centro	99,566	19.0	44,464	15.0
Lisboa	132,318	25.2	74,447	25.2
Alentejo	41,008	7.8	22,727	7.7
Algarve	33,020	6.3	9,304	3.1
R.A.Açores	12,159	2.3	23,777	8.0
R.A.Madeira	14,664	2.8	6,662	2.3

Fonte: INE, BPI

□ Turismo, cultura e desporto

Um dos sectores em grande ascensão tem sido o Turismo e de tudo o que gravita à sua volta (transportes, restauração, actividades lúdicas, etc.), ganhando grande importância económica dentro da área da prestação de serviços mas também no contexto global.

Indicadores de turismo, 2016

	Oferta hoteleira		Dormidas		Proveitos totais	
	2016		Janeiro-Dezembro		Dezembro	
	nº quartos	%	milhares	%	milhões €	%
Portugal	137,488	100.0	53,526	100.0	136.0	100.0
Norte	20,604	15.0	6,886	12.9	23.8	17.5
Centro	20,123	14.6	4,944	9.2	15.1	11.1
Lisboa	29,198	21.2	13,147	24.6	49.2	36.2
Alentejo	6,147	4.5	1,584	3.0	4.6	3.4
Algarve	43,077	31.3	18,112	33.8	17.0	12.5
R.A.Açores	4,341	3.2	1,544	2.9	2.5	1.8
R.A.Madeira	13,998	10.2	7,309	13.7	23.8	17.5

Fonte: INE, BPI e Deloitte.

Já com dados do INE de 2016 (resultados preliminares), os estabelecimentos hoteleiros registaram **19.1 milhões de hóspedes e 53.5 milhões de dormidas, correspondendo a aumentos de 9.8% e 9.6%, respectivamente (+8.1% e +6.5% em 2015)**. O mercado interno contribuiu com 15.2 milhões de dormidas (28%), +5,2% face ao ano anterior, e o mercado externo com 38.3 milhões (72%), +11.4% em relação a 2015. **Os proveitos totais aumentaram 17% e os do alojamento 18%, ultrapassando igualmente o crescimento ocorrido no ano anterior (+13% e +15% em 2015, respectivamente), alcançando o valor de 2.9 mil milhões de euros e 2.1 mil milhões de euros (cerca de 1.6% do PIB estimado para 2016).**

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

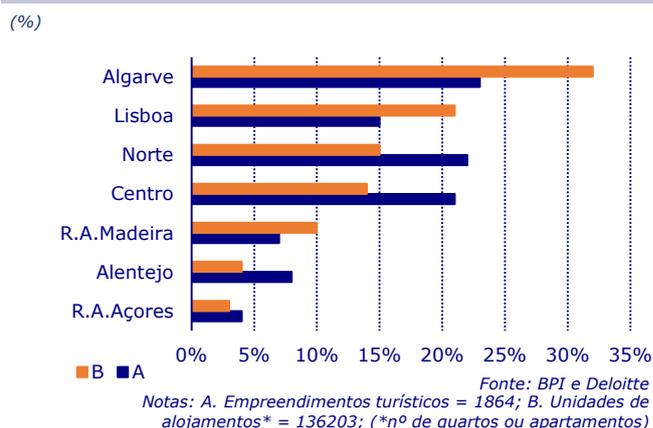
Por regiões, verificou-se um aumento generalizado das dormidas em 2016, mais significativo na R.A. Açores (+21.1%), Norte (+12.8%) e Alentejo (+10.8%). Do total, o Algarve representou 34%, seguindo-se Lisboa com 25%, R.A. Madeira com 14% e Norte com 13%. De onde se pode concluir que há uma consolidação das regiões tradicionais (Algarve, Lisboa e Madeira) e uma maior atracção das regiões Norte, R.A. Açores e Alentejo, que ganham maior expressão. A oferta hoteleira reparte-se igualmente pelas regiões mais tradicionais na captação de turistas – Algarve (31%), Lisboa (21%), Norte (15%), Centro 15% e Madeira (10%).

Segundo os valores disponíveis de Dezembro, os proveitos totais alcançaram 136 milhões de euros e os de aposento 89.8 milhões de euros, correspondendo a taxas de variação homóloga de +15.1% e +16.1%, respectivamente.

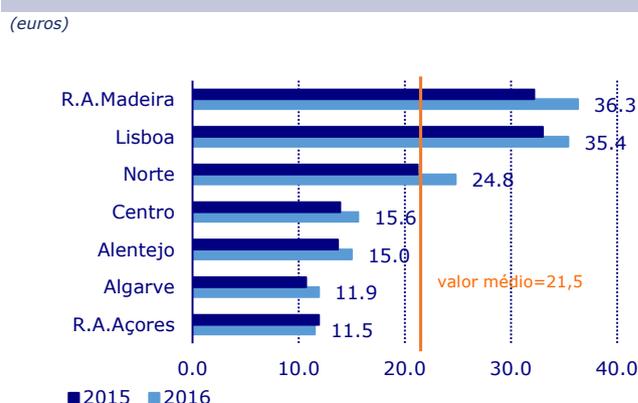
Em termos de rendimento médio por quarto disponível (RevPAR), Madeira, Lisboa e Norte encontram-se acima do valor médio nacional, havendo uma progressão bastante positiva. De facto, perante a média do país de 21.5 euros, a R.A. Madeira obteve 36.3 euros, Lisboa 35.4 euros e Norte 24.8 euros. R.A. Açores e Algarve são as regiões com os valores mais baixos, 11.5 e 11.9 euros, respectivamente. A explicação para os Açores reparte-se entre a insularidade/desconhecimento e zona turística ainda pouco explorada; o Algarve mantém-se como área turística popular e barata, embora tenha começado a potenciar turismo de maior qualidade.

No que respeita à cultura e ao desporto tem havido uma grande aposta nesta área por parte dos municípios, sendo visível um aumento nos últimos anos. Em proporção, a despesa por habitante tem sido significativa em regiões mais pobres e de reduzida densidade populacional (sendo, possivelmente, mais fácil satisfazer a necessidade destas populações). Assim, Algarve e Alentejo, assim como o Centro, mostram valores por habitante mais altos em termos de actividades culturais e criativas e em actividades e equipamentos desportivos. **No peso destas actividades no total da despesa das Câmaras Municipais, lideram a tabela, o Alentejo, o Norte e o Algarve. Lisboa tem o pior registo em todos os indicadores, em parte resulta da grande densidade populacional existente na Área Metropolitana de Lisboa que dilui os gastos per capita e a proporção da despesa nestas áreas no total da despesa dos municípios.**

Concentração regional de Empreendimentos turísticos e de Unidades de alojamento, 2016



RevPAR (rend. médio por quarto disponível), 2016



Despesa em cultura e desporto das Câmaras Municipais, 2015

	Activid. culturais e criativas por habit.	Actividades e equipamentos desport. por habit.	Peso da despesa em cultura e desporto no total
	euros	euros	%
Portugal	37.9	23.8	8.9
Continente	38.1	24.5	9.0
Norte	31.5	30.5	9.6
Centro	46.2	27.4	10.1
Lisboa	29.5	9.3	6.2
Alentejo	72.7	35.5	11.0
Algarve	48.5	38.7	9.1
R.A. Açores	45.7	12.0	8.4
R.A. Madeira	21.9	6.9	4.7

Fonte: INE, BPI

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

▫ Metodologia da UE e transferências e objectivos estratégicos

A União Europeia utiliza a metodologia de comparação entre regiões dos diferentes Estados-Membros baseada no PIB *per capita* tendo como referência a média da UE27. Em relação às regiões portuguesas, Lisboa e Madeira encontram-se nitidamente acima dos 90% da média do PIB per capita da UE27, sendo consideradas regiões desenvolvidas, o que tem implicações ao nível das transferências comunitárias em prol de uma maior convergência no desenvolvimento das regiões europeias. Ou seja, à partida são regiões a receber poucas verbas comunitárias. Algarve é considerada uma região em transição para o nível de região desenvolvida com um PIB *per capita* entre 75% e 90% da média do PIB per capita da UE27. Considerando este conceito, Açores, Alentejo, Centro e Norte são consideradas regiões menos desenvolvidas (PIB *per capita* inferior a 75% da média do PIB *per capita* da UE27).

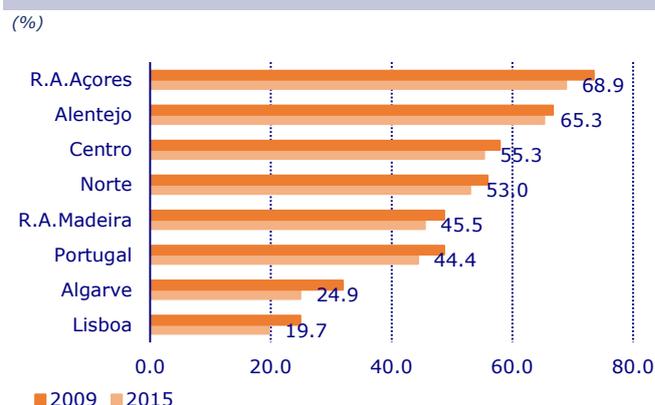
Três categorias de regiões em Portugal (segundo metodologia de análise da União Europeia)

Regiões menos desenvolvidas: Açores, Alentejo, Centro e Norte
(PIB *per capita* < 75% da média da UE27)

Regiões em transição: Algarve
(PIB *per capita* entre 75% e 90%)

Regiões mais desenvolvidas: Lisboa e Madeira
(PIB *per capita* > 90%)

Transferências recebidas em % do total de receitas



Assim, se considerarmos as transferências recebidas pelas regiões portuguesas, verificou-se uma diminuição nos últimos anos. Perante o valor médio das verbas atribuídas ao país, somente Lisboa e Algarve receberam montantes inferiores. A R.A. Madeira recebeu um montante ligeiramente superior ao valor médio nacional. **As regiões que mais receberam foram as consideradas menos desenvolvidas, encabeçadas pela R.A. Açores, seguidas pelo Alentejo, Centro e Norte. E são estas que mais receberão em relação às verbas associadas ao acordo de parceria Portugal 2020, cerca de 90% do total (o montante global está estimado em 25.2 mil milhões de euros).** De recordar que o objectivo do Portugal 2020 é corrigir os desequilíbrios e as assimetrias existentes no desenvolvimento das diversas regiões, após o plano de ajustamento adoptado a partir de 2011.

▫ Conclusão

A primeira grande diferença entre as regiões portuguesas está ao nível da dimensão, mas sobretudo da densidade populacional. Existem vantagens e desvantagens nas maiores dimensões e menores densidades populacionais e vice-versa. Maior densidade populacional pode significar mais economias de escala potenciando tudo o resto: mais serviços, mais indústria, mais emprego, mais rendimento, mais qualidade de vida, etc. Neste caso encontra-se a região de Lisboa (que é definida pela Área Metropolitana de Lisboa). Lisboa cria mais riqueza (36% do PIB total), tem o maior PIB per capita (23 246 euros), a maior produtividade aparente do trabalho (43 milhões de euros), maior volume de negócios, dominam os serviços (87% em termos de VAB), regista o maior rendimento médio mensal por conta de outrem (1 378 euros); no entanto, tem altas taxas de desemprego e de beneficiários da Segurança Social (embora não lidere), não tem os melhores indicadores de educação (também não tem os piores), mas lidera nos equipamentos e profissionais de saúde com resultados menos positivos, nomeadamente na mortalidade infantil.

Maior produção e comércio e maior utilização de mão-de-obra pode não significar desenvolvimento e melhores condições sociais. O caso da região Norte é paradigmático (que contém a Área Metropolitana do Porto), pois está incluída nas zonas menos desenvolvidas do país de acordo com o conceito da UE27. É a segunda região do país em termos de PIB, 30% do total nacional, mas tem a maior disparidade regional em termos de PIB per capita, assim como maior disparidade regional em relação à produtividade. É a região onde o sector secundário tem maior peso (31%), tem uma taxa de cobertura das importações pelas exportações de 140% e o maior valor de intensidade exportadora (37% da produção é vendida ao exterior). Mas apesar da maior percentagem de população empregada e das maiores taxas de emprego, convive com taxas de desemprego muito elevadas e encontra-se no final da tabela em termos do rendimento médio mensal por conta de outrem (967 euros), para além de liderar no número de beneficiários da Segurança social ao nível do subsídio de desemprego (36% do total) e do RSI (39% do total). Isto significa grandes desequilíbrios e desigualdades, mesmo a existência de bolsas de pobreza.

OPINIÃO

ALGUNS TRAÇOS DAS REGIÕES EM PORTUGAL (cont.)

Das regiões consideradas menos desenvolvidas, os Açores, o Alentejo e o Centro significam regiões desertificadas, com menor densidade populacional, ainda muito ligadas à agricultura, embora nalgumas regiões com bons indicadores de educação (Centro e Alentejo). Açores e Alentejo têm igualmente baixos níveis de diplomados do ensino superior. O Centro é, deste grupo, a região com mais estabelecimentos de ensino e mais alunos matriculados, para além de mais equipamentos e profissionais de saúde, de onde resultam indicadores positivos. De facto, o Centro tem maiores potencialidades e representa 19% do PIB nacional. Ainda assim, mostra altas disparidades regionais em termos de PIB per capita e de produtividade. De referir que tanto o Alentejo como o Centro têm taxas de cobertura das importações pelas exportações bastante positivas, 129% e 124%, respectivamente, para além de taxas de intensidade exportadora de 26% e 28%. Centro e R.A.Açores têm altas taxas de emprego (e o Centro regista as menores taxas de desemprego, destoando das restantes regiões). De facto, apesar de alguns desequilíbrios são regiões com potencial, sobretudo a região Centro, que poderá subir para o grupo de transição, de acordo com os critérios da UE27.

O Turismo tem vindo a beneficiar regiões como a Madeira e o Algarve, embora ainda existam diferenças entre estas duas regiões. A Madeira já pertence ao grupo das regiões desenvolvidas, enquanto o Algarve ainda permanece na área de transição. Para além da grande diferença em termos de densidade populacional (a Madeira regista o maior valor, logo a seguir a Lisboa, e o Algarve dos mais baixos), o Algarve tem maior contributo para o PIB (4.4% *versus* 2.3%) e maior PIB *per capita* (17 786 euros *versus* 16 148 euros), assim como está melhor posicionado em termos de índices de disparidade regional do PIB per capita e de produtividade. A par de Lisboa, o sector terciário representa 87% do VAB no Algarve e 85% na Madeira. O Turismo marca definitivamente estas duas regiões – embora a capacidade instalada em termos hoteleiros seja dominante no Algarve, em termos proporcionais, a Madeira tira mais proveitos (em termos nacionais, lidera o rendimento médio por quarto disponível). Pode-se dizer que são turismos diferentes, o algarvio é mais de massas e o madeirense é mais selectivo. Ainda assim, devido à insularidade, a R.A.Madeira tem recebido mais transferências de capital do que o Algarve (poderão estar aqui equacionadas algumas ajudas relacionadas com as catástrofes naturais que têm fustigado a Madeira nos últimos anos).